

# Cinco grandes decidem aumentar cotas do FMI

*William Waack*

**Frankfurt** — Os cinco principais países industrializados acertaram ontem o aumento de quotas do Fundo Monetário Internacional. Um fundo de emergência, baseado nos acordos gerais de empréstimos do FMI, também deverá ser ampliado, mas a ideia de uma nova conferência monetária internacional, proposta pelo Secretário do Tesouro norte-americano, Donald Regan, foi elegantemente adiada por seus colegas da França, Inglaterra, Alemanha e Japão.

Os resultados da reunião de dois dias no castelo de Kronberg, nos arredores de Frankfurt, não puderam ser anunciados formalmente pelo Ministro das Finanças alemão, Gerhard Stolteberg. Ontem cedo, o Ministro reuniu os jornalistas, na sala de espera do castelo, para explicar que a reunião era informal e que decisões não podiam ser tomadas por um grêmio que juridicamente sequer existe.

Contudo, ao responder a questões dos repórteres, Stolteberg deixou suficientemente claro que a questão do aumento de quotas havia sido resolvida de acordo com as pretensões dos europeus, que há longo tempo pleiteavam junto aos Estados Unidos maior liquidez para o Fundo Monetário Internacional.

— Entendo que a quota precisa ser elevada, e a porcentagem está entre 40% e 60% — disse Stolteberg. O Ministro alemão recusou-se a fornecer maiores detalhes, mas confirmou que a reunião do comitê interino do FMI — o órgão que está autorizado a aumentar as quotas —

foi antecipada para janeiro. Este sinal vem sendo interpretado como clara evidência de um acordo entre europeus e americanos.

— Desde Toronto (última reunião do FMI a nível ministerial), já tínhamos chegado a um consenso sobre o aumento das quotas — disse Stolteberg. Otimista, o Ministro alemão afirmou que, apesar da recessão mundial, há sinais positivos na situação global, tais como a queda da inflação e das taxas de juro.

Em nome de seus colegas, Stolteberg elogiou a cooperação internacional. "Todos nós concordamos com a necessidade de sublinhar e reforçar ainda mais o papel do Fundo Monetário", declarou.

Ao seu lado, o presidente do Banco Central alemão, Otto Poehl, recusava-se a empregar a expressão fundo de emergência ao falar do aumento do Acordo Geral de Empréstimos (**General Agreement on Borrowing**) de 6,8 bilhões para, provavelmente, 14 bilhões de dólares.

Tanto Stolteberg como Poehl recusaram-se a responder uma pergunta sobre a situação financeira do Brasil.

— Não estamos aqui para tratar de casos individuais — disseram. A mesma resposta-padrão foi pronunciada quando jornalistas perguntaram sobre a Iugoslávia e o acesso da Arábia Saudita ao Grupo dos Dez dentro do FMI (que detém o maior número de votos).